



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Teltaba-Lisboa • Telefone 6339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A questão do horário do trabalho

Apesar do projecto do senador Varela ter sido repudiado o operariado não deve desarmar

Os sindicatos operários convocam importantes reuniões

Desistiram os parlamentares da aprovação dum decreto que impuzesse aos trabalhadores dez horas de trabalho, em vez de oito, como estabelece a lei actual.

Se nós confiássemos numa maneira absoluta do poder da lei e não a víssemos constantemente transgredida pelo próprio Estado, aconselharíamos o operariado a dormir só ssegadamente. Mas a burguesia não se preocupa com as leis, não as quer ver aplicadas senão quando elas lhe são favoráveis. A lei das 8 horas não agrada a os industriais e, pelo facto de não a terem revogado, eles tentam por todas as formas, impôr as 10 horas ao proletariado. Depois, quando o trabalho de dez horas se generalizar, os industriais serão os primeiros a querer legalizar a extorsão, que violenta e ilegalmente fizeram, alegando que o hábito faz a lei e que se torna necessário sancionar com um decreto o crime que traçadamente desejam praticar.

Não devem, portanto, os operários adormecer sobre a questão, porque se o parlamento desistiu do seu intento, os industriais continuarão lutando. É necessário que encontrem da parte dos trabalhadores a resistência que merecem. Nada de ilusões. Cuidado!

O salto de tigre está preparado. Mais tarde ou mais cedo a luta recrudescerá.

É preciso que o operariado, em vez de manter apenas uma fraca resistência, lute por generalizar tanto quanto possível as oito horas de trabalho.

As Federações Nacionais de Indústria

vão dar execução imediata ao parecer aprovado pelo Conselho Confederal

Como estava anunciado reuniu ontem a secção das Federações de Indústria, juntamente com o Comité Confederal, a fim de dar andamento às resoluções do Conselho Confederal sobre o horário de trabalho, tendo sido aprovada a seguinte moção:

A secção das Federações Nacionais de Indústria, reunida para dar execução ao parecer aprovado pelo Conselho Confederal sobre a tentativa de derrogação da lei das 8 horas de trabalho, vê, com satisfação, que o parlamento houvesse desistido de levar a efeito tal ignominia, que juridicamente não poderia sancionar as pretensões reaccionárias da classe patronal e, delibera observar aos organismos operários seus aderentes, que essa atitude deverá ser tomada à conta de mudança de tática das forças reaccionárias, no sentido de conseguir os seus desejos duma maneira velada, embora sem a imediata sanção legal.

A secção das Federações nacionais de Indústria deliberou convocar imediatamente os conselhos federais a fim de dar execução às determinações do Conselho Confederal, promovendo desde já sessões de propaganda nos sindicatos que constituem as respectivas federações de indústria.

Tomou ainda outras resoluções de carácter corporativo ficando de reunir novamente na próxima quarta-feira.

C. G. T.
Secção das Unões

Reúne hoje pelas 21 horas, a secção das Unões de Sindicatos para dar início às deliberações do Conselho Confederal sobre o horário de trabalho.

O projecto do sr. Varela

É curioso registar o que se passou no Senado na discussão do mirabolante projecto do sr. Varela permitindo o trabalho de duas horas, além das 8 horas ordinárias de trabalho.

O projecto recebeu logo o primeiro ataque do ministro do trabalho que declarou julgar inoportuno, declarando ainda que se fosse senador o rejeitaria por o julgar susceptível de provocar conflitos.

O sr. Pereira Osório também combateu a proposta do sr. Varela, lembrando que talvez fosse brigar com disposições internacionais.

O sr. Júlio Ribeiro requereu que a proposta baixasse a comissão de trabalho, higiene e assistência mas nem o sr. Lima Aires a quiz. Que essa comissão não podia tomar conta dela.

O sr. Varela pretendeu ainda defender o projecto, dizendo que o trouxe à câmara convencido de prestar um serviço ao país, mas o projecto deixou a comissão de legislação operária, talvez, quem sabe, para ressuscitar um dia

O sr. Varela não desistirá, por certo, de querer ser agradável aos vendedores de viverses a retalho que, cheios de patriotismo, repetem o estribilho da necessidade de uma maior produção, como se comerciar, vender e traficar fosse produzir.

Sempre tem ideias o sr. Varela! Valha-o a senhora de Agrela.

A agitação entre o operariado

Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles

A comissão administrativa, na sua última reunião, tomando conhecimento pelo seu delegado das deliberações tomadas no Conselho Confederal da Confederação Geral do Trabalho sobre a momentosa questão do horário de trabalho, resolveu levar o assunto para o Conselho Federal e chamar a atenção dos sindicatos aderentes para que essa tam cara regalia conquistada pelo proletariado não seja anulada, conforme os desejos do patronato.

Reunião magna dos metalúrgicos

Com o fim de elucidar a classe do valor sindical e profissional do Congresso Nacional Metalúrgico, realizado em Tomar, o Sindicato Único Metalúrgico, realiza hoje às 20 horas, na sede da Associação dos Caixeiros de Lisboa, uma reunião magna, na qual se tratará do magno assunto do horário das 8 horas e as horas suplementares.

Como na indústria se está desenhando actualmente uma crise de trabalho, pois que já de algumas oficinas metalúrgicas têm sido despedidos operários, como já sucedeu na Parceria dos Vapores Lisboenses, Metalúrgica do Lumiar e outras e há ainda a previsão de que outros despedimentos se darão, é de esperar que a classe corresponda ao convite que lhe foi dirigido, assistindo ao seu maior número, a fim de estabelecer uma conduta de forma a livrar-se de qualquer precária situação que a classe patronal lhe pretende criar.

Sindicato Único da C. Civil

Para tratar do momentoso assunto do horário de trabalho, este sindicato realiza hoje, pelas 21 horas, sessões magas de todos os operários da Construção Civil na sua sede central, Calçada do Combro, 38, A, 2.ª Secção Sindical de Palma, rua da Beneficência; Secção Sindical do Alto do Pina, Rua Barão de Sabrosa; Secção Sindical do Beato e Olivais, rua de Marvila; Secção Sindical de Belém, rua Paulo da Gama, e Secção Sindical da Charneca, Largo Defensores da República, fazendo distribuir profusamente pela classe um manifesto do qual recortamos os seguintes períodos:

Chegou o momento do perigo! A nossa maior conquista, a que mais sacrificios custou, e o que nos dá o direito de viver com dignidade e respeito, está em perigo. E o perigo não é de ordem política, é de ordem económica. E o perigo não é de ordem política, é de ordem económica. E o perigo não é de ordem política, é de ordem económica.

É preciso demonstrar aos nossos verdadeiros que se estivéssemos unidos, quando tremos armas na luta, da qual somos vencedores, hoje o não estamos menos para repetir com altivez a afronta. É preciso que nos levantemos todos num protesto único contra a tentativa de extorsão, já que sabemos com brevíssimo conhecimento das 8 horas de trabalho no nosso país, já que na vanguarda do movimento operário temos feito realizar os nossos movimentos pelo seu carácter acendrado e revolucionário, é necessário que mais uma vez subamos o pavilhão à vilesa dos nossos exploradores dando-lhe o correctivo que o seu gesto reclama.

Operários! As 8 horas de trabalho são filhas do nosso esforço, e da nossa vontade, conquistadas lutando a peito descoberto frente a frente e sem covardias; elas não representam o favor de políticos, são obra da nossa organização de classe. As 8 horas de trabalho, camaradas, custaram a vida e a liberdade a muitos que sacrificaram tudo em defesa dessa reivindicação. Portanto, é necessário estarmos alertas para as tentativas de derrogação da lei das 8 horas de trabalho, não permitindo que para isso se tenhamos de julgar vida por vida.

Não nos podemos recuar porque não é essa a nossa vida, nunca o fizemos e seria a maior traição se neste momento houvesse algum operário que pensasse sequer em retroceder caminha. Não é a nossa organização está vigilante e vem avisar-vos para que estejais a postos também. Operários! não vos deixais levar às grandes crises de trabalho! Não vos lembreis já do número de semanas em que andáveis de porta em porta pedindo trabalho e sem o obterdes, porque os patrões estavam sempre à espera dos dias grandes.

Com carácter, com dignidade, e com brevíssimo proceder honrando as tradições da nossa organização corporativa.

Foi nomeado o camarada João Francisco, delegado do S. U. C. C. à sessão que hoje se efectua na secção de Palma de Cima.

Operários alfaiates

Reuniu extraordinariamente o conselho técnico e de melhoramentos, conjuntamente com a direcção, que apreciou largamente a momentosa questão do horário do trabalho, resolvendo-se aguardar o que a U. S. O. resolver sobre o assunto, visto o projecto das duas horas suplementares, que estava em discussão no senado, ter sido retirado pelo seu autor.

Sindicato Ferroviário

Os corpos gerentes, na sua reunião de anteontem, resolveram desenvolver uma intensa propaganda por toda a linha, a favor das 8 horas de trabalho.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Reunem hoje, pelas 20 horas, com a presença de delegados da C. G. T., e U. S. O., para tratar da questão do horário de trabalho, tendo sido distri-

buido à classe um manifesto convocatório.

Corticeiros do Poço do Bispo

A direcção deste sindicato reuniu em sessão ordinária, depois de resolver diversos assuntos internos, e apreciando a proposta da autoria do sr. Sousa Varela apresentada, no parlamento, sobre o horário de 10 horas, deliberou fazer o maior propaganda à classe e empregar todos os meios para a manutenção das 8 horas de trabalho, regalia conquistada com grande sacrifício não só da classe corticeira como de outras, fazendo votos para que todos os sindicatos tomassem também uma atitude enérgica, não consentindo no cerceamento dum conquista que de longa data tem sido uma aspiração do operariado de todo o mundo.

União dos Sindicatos Operários de Almada

Em sua reunião do conselho, protesta enérgicamente contra o projecto que pretende roubar a maior regalia que o operariado tem alcançado, que são as 8 horas como máximo em cada dia de trabalho.

Resolveu levar o seu protesto a todas as classes, para o que já oficiou às mesmas para que convoquem reuniões de protesto em que se fará representar esta União.

Metalúrgicos de Braga

Do camarada Francisco Ribeiro, secretário geral do Sindicato Único Metalúrgico de Braga, recebemos um officio em que se chama a atenção dos srs. presidente do ministério e ministro do trabalho para o facto do governador civil daquele distrito permitir o desrespeito à lei 5516, que concede as 8 horas de trabalho diárias.

Aquele funcionario, tendo uma entrevista com operários e industriais, autorizou estes a diminuir os salários dos operários da indústria metalúrgica as duas horas que trabalhavam a mais.

Contra este facto, em absoluta discordância com o texto da referida lei, especialmente o artigo 15.º, protesta enérgicamente o Sindicato Único Metalúrgico de Braga.

Centro Socialista de Almada

Do presidente da direcção do Centro Socialista de Almada recebemos uma carta, declarando que, tendo vindo a lume, em A Batalha, a noticia de que o engenheiro sr. Cerqueira, das obras do Alfeite, pretendia impor-se aos operários para que trabalhassem mais de 8 horas, desrespeitando assim não só a respectiva lei, mas também os princípios socialistas, com manifesto desprestígio, a confirmar-se o facto — para o P. S. P., atendendo a que aquele senhor fez — tempos, por intermédio de O Combate, declarações de sua adesão ao Partido, a mesma direcção deliberou na sua última reunião recuar a sua solidariedade a quaisquer actos públicos que agravem os princípios socialistas, fazendo votos, no entanto, para que a atitude atribuída ao sr. Cerqueira se não confirme.

NOTAS & COMENTARIOS

Pela política

O governo — embora isto cause arreio ao sr. Bernardino — está em crise. O ministro da agricultura, sr. Portugal Durão, nem a mão de deus padre se resolve a abandonar a resolução de se demitir. O sr. Portugal Durão fartou-se de ser ministro em pouco tempo. Apesar do sr. Bernardino ter em, ex., muitas esperanças, não cremos que a sua falta venha a sentir-se muito. Isto nunca mais se daria, por mais duro que seja um ministro.

Falta de número

Os nossos pais da pátria são interessantes. Passam os dias sem fazer nada. Depois, para fazer ver que isto de ser deputado é estopante resolvem promover sessões nocturnas. Estas, além de dispendiosas pelo consumo de luz, são magadoras para os continuos e mais pessoal do Congresso que ali tem de permanecer até às tantas da noite. Pois apesar disso, os srs. deputados só comparecem, e em reduzidissimo numero, uma hora depois da marcada para início da sessão. De repente, quando o país supõe que eles estão asoberbados com afazeres, sacrificando-se dia e noite pelos seus interesses, eis que não há sessão ordinária por falta de número.

Sogras ou comadres?

Zangam-se as comadres, as comadres da imprensa burguesa. O Século e o Notícias estão empenhados em atrair o publico que segue com paciência de boi, as aventuras dum qualquer Cheri-Bibi, ou que colecionam estupidamente pedacinhos de papel na mira dum prémio qualquer. Acontece que cada uma das citadas alavancas... quer para si todo o publico. Daí o Notícias publicar uma caricatura dizendo verdades amargas acerca do concurso do Século e este apressar-se por sua vez a acinchar o folhetim do Notícias. E bem certo: zangam-se as comadres, descobrem-se as carecas...

AOS EMPREGADOS DO COMÉRCIO

Um conflito com o patronato de Santarém

Nenhum caixeiro deverá ir substituir os seus colegas demitidos

Acaba de ser levantado, em Santarém, um conflito entre a Associação dos Empregados no Comércio daquela cidade e o respectivo patronato, originado pela distribuição das cadernetas confidenciais que agora foram distribuídas aos sócios daquela associação.

O patronato comercial de Santarém exige, nem mais nem menos, que os seus empregados saiam da Associação. Aqueles que não obedeceram a essa intimação são despedidos, o que já se tem dado com parte deles.

Escusado será lembrar aqui que durante o período desta luta, que ali vai travada, nenhum empregado do comércio deverá ir colocar-se em Santarém.

OS QUE NOS EXPLORAM

Uma importante apreensão de azeite em Almeirim

4.300 litros enterrados a uma profundidade de dois metros!

Os sinos tocando a rebate — Prisão do sonegador — Tentativa para o libertar — A oposição do povo

ALMEIRIM, 18. — Pelo administrador do concelho, sr. Lucas Fernandes Clemente, foi no dia 16 apreendido na quinta da Alorna, propriedade do dr. sr. Manuel Caroga, duas talhas e dois depósitos de ferro com 4.300 litros de azeite, enterrados a profundidade de dois metros e meio debaixo de um andaim e cobertos de palha, madeira e terra.

Foi preso o feitor da quinta, dr. Adriano Costa e Sousa, que foi conduzido à sede da Câmara Municipal, onde ficou instalado continuando a autoridade local em averiguações.

O governador civil de Santarém, coronel Miranda, o mesmo benemérito do proletariado que durante a última greve ferroviária mandou pôr fora das suas habitações os empregados das estações de Santarém e imediações, conhecedor do facto, enviou dois emissários a Almeirim, com ordem de soltura do preso, e mandando sustar as pesquisas a que aquela autoridade estava procedendo, ao que o administrador se recusou, escrevendo logo um officio, que não chegou a seguir ao seu destino, devido às manifestações do povo a favor do sr. Fernandes Clemente.

Regressando os emissários a Santarém, voltaram depois da meia noite, acompanhados de alguns guardas de policia. Recando o povo que o governador civil tentasse pela força soltar o preso, começaram tocando os sinos a volta da administração do concelho aclamando o administrador e protestando contra os assombardos, só dispersando quando o sr. Fernandes Clemente pediu serenidade e sossego, garantindo que justiça seria feita. Então o preso, dr. Costa e Sousa, acompanhado dos reconvidos e do administrador, seguiu para Santarém onde ficou detido.

Das diligências a que esta autoridade procedeu resultou ainda a apreensão de azeite impróprio para o consumo por ter 9 e 10 graus de acidez, que estava sendo vendido na cantina, junto àquela quinta, aos empregados da mesma.

Deve notar-se que há muito tempo que nesta localidade se não consegue obter azeite, apesar dos esforços do administrador do concelho.

Chegou esta autoridade a ter uma requisição deferida de 3.000 litros de azeite, para ir levantar a mesma quinta, do que estava manifestado, mas devido às altas influências do proprietário da quinta e do seu feitor, dr. Costa e Sousa, foi esta anulada para aqueles não poderem explorar com ele, distribuindo meio litro por assalariado, de 15 em 15 dias, ao preço da tabela, pagando-lhes por dia menos 30 centavos que qualquer outro lavrador, reputando assim o azeite a 9560 o litro.

E a quanto pode chegar o cúmulo da exploração. — E.

IMPRENSA

Recebemos o primeiro número do semanário Paris-Notícias, edição parisiense do Diário de Notícias.

Conforme se declara no artigo de apresentação, o Paris-Notícias destina-se a dar à expansão franco-portuguesa um acentuado desenvolvimento.

O rapaz inglês vai encarcerar

MADRID, 19. — O carvão inglês será aumentado nos seus preços de cinco a dez pesetas. — Rádio.

"ADÃO E EVA"

Realiza-se hoje a sua primeira representação

Como noticiámos, é hoje que no Ginásio se realiza, em festa artística da actriz Berta Bivar, a primeira representação da empolgante peça de Jaime Cortezão Adão e Eva, que, por certo, terá o sucesso que a sua contenda e o seu alto valor moral e social justificam cabalmente.

Lá estaremos logo, para transmitir-vos depois, aos nossos leitores, as impressões que recebermos do desempenho da peça e que, convictos estamos, não desmerecerão aos que a sua leitura nos causou.

Regulamentação do serviço doméstico

O governador civil declara desconhecer o regulamento e promete suspender a sua execução

O que se passou na assembleia das classes interessadas

Parece não haver forma do sr. Lelo Portela se convencer de que o regulamento dos serviços serve apenas para irritar todos os que tem um pouco de dignidade. Ainda não se deu por vencido o governador civil, esperando provavelmente, que a questão tome maiores proporções para depois apodar de bofetada uma classe que repele altivamente uma afronta.

Respondendo o sr. Portela a uma comissão de criadas, que ontem o procurou a fim de lhe comunicar que a classe se deseja a revogação pura e simples do regulamento, que ia suspendê-lo.

Isto é pouco. A suspensão não quer dizer, que passado algum tempo, o sr. Lelo não torne a insistir na execução de tam vexatórias disposições.

Diz ainda a mesma autoridade que o regulamento não se refere aos que trabalham nos hotéis e restaurantes. Não é isto, porém, o que se desprende do regulamento, que não faz distinção alguma. É possível que nos enganemos mas a tática do governador civil é dividir a classe para, depois de obrigar os criados de casas particulares a aceitar o regulamento, forçar a classe inteira a conformar-se com o que ele quiser.

De resto a immoralidade persiste. Que importa que ela não atinja os empregados de hotéis e restaurantes se o resto da classe terá que submeter-se? Então os criados de casas particulares não são gente, são menos do que os outros?

Só a solidariedade, que ligue fortemente todos os serviços sem distinção, se pode opor a tan vexatórias pretensões. É necessário para honra da classe inteira que nem um só componente seja sacrificado. Ou ficam todos sob a patá do sr. governador ou não fica nenhum. Ou serão todos vítimas da mesma injustiça ou todos a repelem com energia.

Não se pode admitir que um indivíduo para trabalhar seja obrigado a ter cadastro na policia e a pagar cerca de 20900 de papelada, para alimentar a mesma policia que, contra a livre expressão de pensamento, proibe reuniões e impõe regulamentos que ofendem a dignidade humana.

Pretende também o governador civil que os serviços estrangeiros paguem maior licença. Então os estrangeiros não trabalham como os portugueses? Oxalá a classe saiba pôr a questão nos devidos termos, não se deixando dividir por insignificâncias de nacionalidade.

A assembleia magna de ontem

Continuam na mesma efervescência as classes domésticas contra o regulamento que o governador civil lhes pretende impor. Novamente ontem reuniram as classes interessadas, que por completo enchiam as salas da sede das Associações de Empregados de Hotéis e Restaurantes, Criados de Mesa e Artes Culinárias, para tratar do momentoso assunto, e apreciar a resposta do governador civil à comissão que o procurou no sentido de revogar o citado regulamento, como ficara assente na assembleia anterior.

O governador civil disse que os interessados interpretaram mal o espirito do regulamento e que não podia de momento fazer o que lhe reclamavam, no entanto procuraria suavizá-lo, manifestando porém o desejo de obrigar os criados estrangeiros a pagar uma

taxa mais elevada que os nacionais! Acrescentamos no entanto que iria sustar o regulamento até que outro se fizesse, prontificando-se a passar um bilhete de identidade em substituição da tal caderneta.

A assembleia não concorda com essa atitude do governador civil que se lhe apresenta dubia, mais parecendo um trama o que se está praticando. As comissões que sucessivamente tem ido junto daquela autoridade trazem, invariavelmente, a mesma resposta, optando a assembleia porque as afirmações de que iria sustar o regulamento fossem publicadas no Diário do Governo para não haver dúvidas sobre as palavras do governador civil.

Falam alguns membros de comissões transactas que esclarecem o que com eles se passou. Aquella autoridade prometera já sustar o regulamento, mas o que é certo é que algumas criadas, talvez por influências dos patrões, se foram registar, tendo-lhe sido dado andamento e fornecendo-lhes as cadernetas. Portanto não podem ser tomadas em boa conta as suas palavras, porque o que se tem passado está em antagonismo com as afirmações anteriores.

As criadas vão organizar-se

Diz mais um membro dessas comissões que o governador civil afirmara que o artigo publicado na terça-feira no nosso jornal era uma infâmia. Sim, era uma infâmia por se dizerem verdadeiras, por se analisar desasombradamente um regulamento que é um vexame para uma classe laboriosa e honesta, mas que é também a mais espionhada e que ainda vive na maior escravidão.

Não gostou o sr. governador civil e nós com isso não temos desgosto algum. Não estamos nesta tribuna para dizer o contrário do que sentimos e que entendemos ser a verdade dos factos, defendendo uma classe que pretende escrever ainda mais do que já está.

Sobre a maneira de se chegar a uma conclusão prática, fala Quintela Maia, pois não pode admitir-se que as classes continuem inactivas. Conhece a psicologia dos seus componentes e por isso tem dúvidas se um movimento daria resultado. Diz que a taxa superior aos estrangeiros é uma intriga para estabelecer o confusãoismo. Refere-se eloquentemente aos representantes da imprensa presentes, estranhando que o Diário de Notícias, que arranca anualmente centenas de contos aos criados e criadas nos anúncios que ali publicam, não os tenha neste momento defendido.

As boas palavras do sr. governador civil, diz Lucas Pereira, são muito boas para quem quer atrair e adormecer a classe. Mas no entanto vai-se-lhe exigindo uma caderneta infamante, com a intenção, como dizem, de conhecer quem rouba, mas não exigem as cadernetas a aqueles que tem roubado os cofres do Estado, como se tem provado quasi diariamente, nem tan pouco lhes aplicam as leis. Só vêem gatunos, e por isso os querem cadastrar, nos criados e criadas, talvez por serem duma classe modesta e escravizada.

O governador civil não conhece o regulamento...

Fala Celestina de Sousa, que fez parte

Em Cabo Verde os indígenas morrem de fome!

De Cabo Verde pedem para que o governo mande um ou mais vapores dos Transportes Marítimos àquella colónia para conduzir para a Guiné, Dakar os indígenas que estão morrendo de fome a fim de ali aplicarem a sua actividade e ganharem os meios de subsistência, visto Cabo Verde não lhes poder fornecer, voltando esses emigrados depois para as suas terras no novo anno agrícola, pois o dinheiro que se gastou com esses transportes será menos que o custo do seu sustento e com o transporte dos produtos alimentícios e ainda com a agravante da falta desses produtos.

E ainda há defesa esta beleza de organização social!

A greve dos mineiros de Inglaterra

LONDRES, 19. — Lord Londonderry propôs um plano de reatamento de hulheiras organizadas por distritos, de forma a conseguir melhores resultados e para maior economia nesta industria, o que poderia produzir a redução do preço do carvão, sem reduzir o salário dos mineiros.

Lloyd George tem estudado a possibilidade de reabrir as negociações em novas bases.

Os transportes do carvão estrangeiro, destinado ao serviço publico, tem sido feitos com relativa facilidade. — Rádio.

Paris progride

Construção de balnearios e de um talho industrializado

PARIS, 19. — Paris vai obter consideráveis melhoramentos: contando-se entre eles uma grande quantidade mais de casas de banho, cujas despesas, segundo o projecto apresentado, se acaallam em quatro milhões e meio de francos. Também se construirá um importante talho industrializado, que custará enormes despesas. — Rádio.

da comissão que ontem entrevistou o sr. governador civil. Esta autoridade, muito delicadamente, aconselhou-a a que as criadas de hotéis e restaurantes organizassem a sua associação de classe, pois a essas seria passado só um cartão de identidade, retroquindo-lhe a que o direito devia ser para todas; que queria a liberdade de trabalho como até à presente data, sem livretes ou cartões, ou então só receberia um cartão da sua associação de classe. O governador civil prometeu que hoje enviaria um documento à Associação sustentando o regulamento. Celestina de Sousa frisou-lhe o vexame dos artigos 11 e 16, mas o sr. governador civil disse ignorar o que eles diziam, sendo preciso explicar-lhe!

S. ex.ª desconhece o regulamento que firmou! É unico, e depois chama infâmias às apreciações de A Batalha, apreciações a um documento que elle não conhece e que naturalmente assinou de cruz... Mas para adoptar, disse que a caderneta serviria também para quando as criadas passassem fome em casa dos patrões se fossem queixar a sua repartição e que ia estudar a forma de modificar o regulamento.

A seguir, Elgénia Maria da Conceição Duarte ataca o regulamento como sendo a pior das humilhações. Elas já são demasiadamente escravas, trabalhando sem descanso e aturando todos os caprichos dos patrões. Não devem aceitar a caderneta porque é uma nota vilipendiosa para uma classe honrada. Aos gatunos de chapéu alto, que tem posto isto a saque, não cadastram as autoridades. Só os serviços pretendem esmagar. É contra as greves, mas nesta altura aconselha as suas companheiras, em sendo necessário, a abandonar os patrões e irem para suas casas até que se revogue o regulamento em definitivo. Apela para imprensa a fim de tomar a defesa da sua classe.

Propõe José Sanches que se organizem as criadas, que seja nomeada uma comissão para levar a bom termo o conflito, e que seja publicado um manifesto a todas as serviços para que se filiem na nova associação de classe.

Falam ainda Almeida Duarte, Quintela Maia, Emilio Vilar, Sanches e Elgénia Duarte, sendo por fim nomeada uma comissão para tratar de assuntos imediatos, a propósito da revogação do regulamento, juntamente com as direcções das Associações de Empregados de Hotéis e Restaurantes, Criados de Mesa e Artes Culinárias, definindo o caminho a seguir, que tratarão do caso junto das entidades que julgarem necessárias. Essa comissão é composta de José Sanches, José Horta, Artur Otero, João Evangelista, Bento Pinheiro Rosales, Teófilo dos Anjos e Modesto Veloso, e deve reunir na próxima segunda-feira.

Para a organização da associação das criadas, foram nomeadas Elgénia Duarte, Celestina de Sousa e Emilia Augusta.

Eram cerca das duas horas de hoje quando terminou a assembleia, que decorreu sempre com grande entusiasmo, sendo todos os oradores muito aplaudidos, especialmente as mulheres, que desasombradamente expuseram a sua forma de sentir.

Uma farça fúnebre

O funeral do revisor António José de Sousa

Realizou-se na segunda-feira o funeral do desventurado revisor do Sul e Sueste António José de Sousa, que, como noticiámos, caiu à linha, quando, no exercício da sua profissão, pretendia mudar duma carruagem para outra, tendo morrido instantaneamente.

Eram 13,30 horas quando da estação do Terreiro do Paço saiu o cortejo, em que tomaram parte, além do ditador máximo dos caminhos de ferro, tenente-coronel Raúl Esteves, o engenheiro Vasconcelos Porto, alguns militares e poucos ferroviários, não sendo o acompanhamento mais numeroso por não se sentirem bem em tal companhia os nossos briosos camaradas daquela linha.

O corpo foi conduzido, numa carreta do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro, para o cemitério dos Prazeres, tendo falado à beira da sepultura Raúl Esteves, Vasconcelos Porto, revisor Mateus e condutor José Fernandes Tavares, os quais, fingindo uma dor que não sentiam, disseram várias coisas apropriadas ao acto, distinguindo-se o último orador, que não deixou perder o ensajo — Bem triste! — para lisongear Raúl Esteves, a quem teve a audácia de cognominar de... salvador

